

A ABORDAGEM DIALÉTICA NA PESQUISA DE TEATRO E EDUCAÇÃO

Para Gerd Bornheim.

JOÃO PEDRO ALCANTARA GIL

Professor do Departamento de Arte Dramática da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMO:

*Este estudo visa a apresentar elementos da abordagem dialética para uma pesquisa qualitativa no eixo temático teatro e educação. Embora, com a crise dos paradigmas, as abordagens metodológicas tenham se nivelado, a dialética tem se destacado como meio apropriado para a investigação, devido ao interesse crescente dos pesquisadores. Com base numa historiografia que vai dos conceitos fundamentais do método à **Dialética Negativa** de Adorno, o estudo propõe formas concretas de trabalhar a pesquisa em teatro e educação numa perspectiva dialética.*

ABSTRACT:

*The present study aims at introducing the elements of the dialectic approach to a quality research on the specific theme of theater-education. Although with the crisis of paradigms, the methodologies approaches have leveled, the dialectic approach has been outstanding as an appropriate means of research in education, due to researchers' growing interest in this investigative process. According to a historical investigation, that ranges from the fundamental concepts of the method to the **Negative Dialectic**, by Adorno, the study proposes concrete ways of working on research in theater and education in a dialectics perspective.*

PALAVRAS-CHAVE:

Educação
Dialética
Teatro

KEY WORDS:

Education
Dialectics
Theater

O propósito em abordar esta questão é trazer elementos teórico-práticos para radicalizar a determinação do método dialético para a pesquisa em teatro, com implicações em toda a pesquisa educacional. A procura incessante por uma dialética crítica e transformadora, que aproveite a totalidade dos elementos pesquisados, remete primeiramente à Gamboa, quando afirma:

[...] desde sua elaboração como método de pesquisa científica, a dialética tem pretendido aproveitar os elementos gerados dentro das abordagens empíricas e das abordagens fundadas nos postulados da fenomenologia, realizando sínteses entre essas duas grandes tendências filosóficas. (apud Fazenda, 1991, P. 94)

Pela ausência de rigor metodológico dentro dos princípios epistemológicos da dialética, Gamboa questiona as pesquisas que se utilizam de algumas categorias do método dialético para solucionar problemas mais imediatos. Na falta de um maior aprofundamento teórico, estas pesquisas tratam de se definir como de **inclinação dialética**. A intenção deste estudo introdutório é sustentar a dialética sem meio termo, com base em sua história e em propostas práticas de pesquisa em teatro e educação.

A palavra dialética vem do grego, *diá*, advérbio e preposição que significa separação, e *lektikós*, capaz de falar, conveniente ao diálogo, que quer dizer dualidade de razões. Historicamente, a contradição sempre fez parte do pensamento humano. Na democracia ateniense os sofistas se apresentavam

não como filósofos, mas como professores de dialética. Nas assembleias, nos tribunais, na *ágora*, a praça central, o cidadão ateniense precisava dominar a palavra para defender seus direitos. Os professores de retórica ensinavam a falar e a discutir, a utilizar praticamente o *logos*, que contém a discórdia e a oposição permanentes. A unidade do mundo está na unidade das tensões opostas. Em Heráclito¹ (540-480 a. C.) se encontra uma dialética proposta não como método, mas como lei suprema da existência do ser, que muda, que se transforma. Sócrates (470-399 a. C.), por sua vez, vai utilizar a dialética como método que permite, pelo diálogo, chegar a uma síntese, ao termo da controvérsia.

Como discípulo de Sócrates, Platão passa a ver a dialética como disciplina filosófica por excelência, o centro de toda a reflexão científica. A dialética platônica, além da disciplina da razão, é também educação da vontade que, libertando o espírito do corpo, o torna capaz de contemplar as idéias. É, portanto, procedimento de investigação racional que dá rigor e coerência ao conhecimento. A dialética é apresentada como processo de passagem da sensibilidade à inteligência, como acesso complicado até a contemplação do ser, modelo absoluto e universal de todas as coisas. Assim, Platão elabora uma dialética positiva, ascendente, eminentemente racional, que conduz de forma segura aos mais altos valores disponíveis ao homem. Platão pode ser considerado como o primeiro filósofo a utilizar a dialética como método de pesquisa.

A dialética se converte para Aristóteles (384-322 a. C.) numa coisa menor, opinativa, separada da certeza própria do saber científico.

co. Aristóteles se concentra mais na busca de regras para discussão e nos argumentos para sustentar as posições próprias e para derrubar as teses de seus adversários. A oposição do pensamento de Aristóteles ao de Platão vai se constituir na dialética primeira do teatro: arte ou educação? Se, para Platão, a educação deveria se basear no jogo teatral, Aristóteles considerava o teatro como instrumento importante do conhecimento.

Em Santo Agostinho (354-430), a dialética vai seguir os passos de Platão. A verdade para Santo Agostinho é propriedade de Deus. Nos diálogos com seu filho Deodato, Agostinho vai construir uma dialética sem tensões reais e, por essa razão, não considerada como instrumento de investigação. Sua preocupação é elevar-se a um Deus eterno e imutável, solução para todos os conflitos e pesadelos da sombria existência. Já Santo Tomás de Aquino (1226-1274), adaptando a filosofia aristotélica à fé católica, desenvolve um discurso composto de elementos contraditórios, apresentados através de argumentos, negações e respostas². Santo Tomás de Aquino aprova as representações dramáticas. Enquanto nas ruas cantavam os trovadores e representavam os bufões, nas igrejas a palavra de Deus era transmitida através dos mistérios, das moralidades e das *sacras representaciones*, dialeticamente.

A fase de transição da Idade Média para a Moderna marca a obra de Comênio. Como o século XVII é o século do método, Comênio vai apresentar a dialética na educação como disciplina e também como didática do ensino das artes. Comênio preocupa-se com o conceito das coisas, procurando respostas a todas as perguntas. Para que a criança enten-

da o emprego das regras da dialética, Comênio vai sugerir o exercício teatral, através da observação de cenas familiares.

Dentro da concepção iluminista, movimento ocorrido entre a revolução inglesa de 1688 e a revolução francesa de 1789, dois aspectos podem ser destacados: as grandes descobertas científicas e o espírito reformista de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). A filosofia iluminista volta-se para a reflexão da natureza e da sociedade como condição indispensável para a compreensão dos fenômenos. Em Rousseau, a dialética está presente como a capacidade de argumentação e questionamento a respeito da crença no conhecimento estabelecido como científico. O pensamento dialético em Rousseau permanece através da explicitação dos caminhos que se tem a tomar diante do papel geral da razão no processo educativo: por um lado, enquanto valor do homem e da sociedade; por outro, a convicção que a razão tende a desvirtuar todo e qualquer projeto de educação que se assente na natureza e na experiência imediata. Rousseau é extremamente dialético no momento em que, seguindo os passos de Platão e Agostinho, defende a utilização dos jogos numa educação pedocêntrica, mas não aceita a formação do artista na escola.

Kant (1724-1804) transfere para o domínio da razão aquilo que os franceses realizaram com a revolução e coloca no plano transcendental a eficácia da dialética. A função da dialética transcendental será a de suprimir o saber para substituí-lo pela fé. Com suas críticas, no entanto, Kant instala uma nova forma de pensar o sujeito em relação aos objetos e a arte fica condicionada aos

dons naturais. Para Kant, contraditoriamente, somente um gênio pode criar uma arte autônoma.

A filosofia romântica do século XIX proclamou as determinações dialéticas em múltiplas manifestações da realidade. A dialética ingressa no terreno da especulação abstrata, da unidade-totalidade e em momentos conceituais, com a tríade tese, antítese e síntese. Em seu duplo aspecto cognitivo e metafísico, a dialética passa a ser objeto de elaborações teóricas sistemáticas. As relações dialéticas fundamentais do caminho que a consciência humana tem que percorrer para chegar ao seu próprio reconhecimento são desenvolvidas por Hegel (1770-1831). É em virtude da natureza dialética que o ser e o nada manifestam sua unidade e sua verdade no vir a ser (devir). Seguindo a tradição kantiana, Hegel vê o artista como ser único, dotado do espírito absoluto.

A dialética aprisionada no idealismo da concepção hegeliana é liberada em Marx (1818–1883) não apenas como método filosófico para se chegar à verdade, mas como concepção de homem e de mundo. A ciência dialética de Marx se configura como um conjunto logicamente organizado de co-relações infinitas entre o pensamento e a realidade, através da prática ativa da vida, sem separação ou dissociação³. Seu método científico nega toda verdade imutável, todos os princípios da sabedoria eterna, todas as essências da filosofia clássica. Para Marx, o conhecimento verdadeiro é dialético, pois se relaciona diretamente com a *praxis* do real. Praxis deve ser entendida como toda atividade teórica e prática ao mesmo tempo, mediação entre a realidade e o conhecimento, conhecimento e contexto social historicamente transfor-

mado. Para se construir uma proposta de pesquisa com uma rigorosa lógica dialética marxiana, que não seja uma construção abstrata, mas a lógica objetiva real da história, é necessário condições materiais satisfatórias⁴. Há que se considerar, desde o início da investigação que o homem é um ser social e que todas as características de sua atividade vital são para ele reais. Assim, todos os elementos da sua criação artística são determinados pelo conteúdo social do trabalho humano. A palavra **trabalho** se emprega na pesquisa dialética em educação e teatro num sentido de **manifestação de si mesmo**. Aplica-se à atividade livre, não obrigatória, no domínio da criação, decorrente de suas múltiplas necessidades.

A formação da sensibilidade humana é o caminho da pesquisa em educação e teatro numa perspectiva dialética marxiana. Não é o produto final, o resultado da análise última dos dados que importa. Não interessa a quantidade, mas o conjunto da praxis social. É a educação dos sentidos – a visão, o olfato, o paladar, o pensamento, a contemplação, o tato, o desejo, a ação, o amor – resumindo, todos os órgãos da individualidade, na sua relação com o mundo que interessa à investigação dialética⁵.

A questão da essência da arte pode ser entendida, no ponto de vista de Marx, como a forma objetiva, sensível, de expressão da liberdade humana, no mundo natural e social. É para além do reino da necessidade que começa o desenvolvimento das potencialidades artísticas do homem, que é o verdadeiro reino da liberdade, mas que só pode desenvolver-se apoiando-se nesse reino da necessidade. O livre desenvolvimento de cada um torna-se condição para o livre desenvolvimento de todos.

A dialética frankfurtiana da metade do século XX será uma filosofia da não-identidade. Originária do materialismo histórico, a teoria crítica de Marcuse, Horkheimer, Adorno e, de certa forma, Habermas, dedica-se a pensar a negatividade na sua origem, assumindo Marx, sem perder sua diferença. A teoria crítica rompe com o destino científico do marxismo, mas não prescinde de sua praxis. A evolução do pensamento de Habermas em direção a uma sistematização epistemológica vai fazer com que, de um uso crítico de Marx, se passe a uma concepção de comunicação da qual a interatividade ocupa posição central.

A dialética impõe-se na teoria crítica como um chamamento intransigente de questionar a filosofia aplicada, a autoridade da indústria, da ciência e da cultura. A crise é o pressuposto da crítica e o seu modo ativo de elaboração teórica. Para a teoria crítica, só uma dialética, ao mesmo tempo racional – em oposição às estratégias de imediatividade e instrumentalidade – e crítica – em oposição a qualquer estratégia dogmática – é possível. A crítica apóia-se sobre o materialismo, concebido não como dogma, mas como conteúdo histórico a elaborar.

Em toda a obra de Adorno fica claro que a origem social determina o esclarecimento. O filósofo concorda que as condições materiais são as responsáveis pela insuficiência do conceito enfático da formação, acreditando que a maioria não teve acesso aquelas experiências prévias a toda educação dos sentidos, de que a formação cultural se nutre. A dialética adorniana não ocupa de antemão um ponto de vista: é a consciência conseqüente da diferença. O propósito da dialética seria a reconciliação.

Pensar dialeticamente significa pensar em modelos; a dialética negativa de Adorno é um conjunto de análises de modelos. A mediação, de acordo com Adorno, é o conceito essencial da dialética. O processo de mediação é infinito. Nada existe que não seja mediado. O trabalho, porém, não é a única fonte dessa mediação. Para Adorno, só o socialismo vulgar repete maquinalmente que no trabalho está a origem de toda riqueza social. Para uma metacrítica da razão prática, Adorno enfatiza que toda tese drástica é falsa, inclusive a própria dialética. Se a dialética fosse totalmente coerente, já seria a totalidade, que é baseada no princípio de identidade.⁶

A preocupação do investigador na ótica adorniana é com a negatividade.⁷ Não se pode revelar respostas nem chegar a conclusões definitivas. Trata-se de pesquisar um complexo de significados de determinada realidade sócio-cultural a fim de encontrar elementos que justifiquem por que a sociedade não consegue superar seus principais problemas. A postura do pensamento frente à felicidade deveria ser a negação de toda a felicidade falsa: eis o dilema da dialética negativa de Adorno.

No Brasil, os professores Moacir Gaddoti, Dermeval Saviani, Augusto Triviños e Maria Arleth Pereira, entre outros, desenvolveram, a partir de 1985, vários trabalhos dedicados à concepção dialética da educação e da pesquisa em ciências sociais. Rompendo com preconceitos e procurando estabelecer o debate a partir do esclarecimento das categorias e leis da dialética, os autores reconhecem o caráter revolucionário, do ponto de vista epistemológico e ontológico, da abordagem dialética da pesquisa em educação. Di-

aleticamente, os educadores se contrapõem em muitos aspectos, mas não deixam de ver a historicidade como um dos postulados essenciais da dialética.

O teatro e educação se relacionam dialeticamente, pela oposição de contrários e se unem na perspectiva de encontrar novas respostas para velhas perguntas. É Triviños quem melhor resume:

A dialética afirma que tudo muda, se transforma, que nada é absoluto, salvo a mudança; que tudo é passageiro, histórico, que tudo está em movimento. Esse movimento é produzido pela contradição

dialética. Por isso diz-se que a contradição é o motor da dialética. Aceitar esse ponto de vista significa ter uma concepção ontológica capaz de apreender a dinamicidade dos fenômenos que se pretende estudar. (apud Neto, 1999)

Propiciar a leitura e a discussão de obras originais do pensamento estético, estudar os conceitos centrais da filosofia e da arte, estimular a pesquisa dos fundamentos histórico-culturais diante de uma prática social: estes os principais objetivos de uma abordagem dialética na investigação do teatro e educação.

NOTAS:

¹ Geralmente citado como *pai da dialética*, faz refletir a questão: de que dialética vamos falar?

² A ação precede o conhecimento.

³ Outros trabalhos desenvolveram o pensamento de Marx: na interpretação de Lukács, a dialética marxista passa por uma consciência de classe. Sartre defende a dialética do sujeito e do objeto que se aplica a todas as atividades do ser social. Gramsci aposta numa ação crítica consciente. Enfim, todos os autores parecem levar à conclusão de que a dialética proposta por Marx se esgotará com o fim da sociedade capitalista e a construção de uma sociedade sem classe.

⁴ Na raiz da dialética, portanto, é a materialidade que nos dá a resposta mais objetiva para os problemas artístico-pedagógicos vividos por pesquisadores, artistas e pedagogos.

⁵ Se, para Kant, as categorias são formas apriorísticas – o sujeito já nasce com o dom, e, na concepção de Hegel, são momentos ou graus da idéia – em Marx as categorias adquirem caráter revolucionário do ponto de vista epistemológico e ontológico.

⁶ É absolutamente antidialético propor uma pesquisa, por exemplo, que busque a importância, a influência, a eficácia do teatro em determinado contexto social.

⁷ Daí o tratamento de **pessimista** dado, de um modo geral, à Teoria Crítica. Na realidade a desilusão se dá pelo **eclipse da razão** que não consegue dar conta de duas guerras mundiais, do holocausto, da ascensão do totalitarismo e da reificação econômica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FAZENDA, Ivani (org.) *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 1991.
- NETO, Vicente Molina e TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (org.) *A pesquisa qualitativa na educação física*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Espanha: Taurus Humanidades, 1992.
- _____. *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70, 1970.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1966.
- GIL, João Pedro Alcantara. *Para Além do Jogo*. Santa Maria: UFSM/UNICAMP, 1999 (Tese de Doutorado).
- HEGEL, Georg. *Curso de Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- MARX & ENGELS. *Sobre a Literatura e a Arte*. Lisboa: Edições Mandacaru, 1971.
- PLATÃO. *A República*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados, 1995.